

LUGARES ENUNCIADOS, LUGARES COMUNICADOS: PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM BERLIM E SALVADOR

Enunciated places, communicated places: identity processes in Berlin and Salvador

Angelo Szaniecki Perret Serpa¹

RESUMO

Esse artigo busca esclarecer que ações e discursos pressupõem a construção de identidades espaciais, partindo-se da premissa de que identidades são sempre provisórias, inacabadas e instáveis, possuem caráter processual e articulam diferentes recortes espaciais a partir dos lugares de sua “enunciação”. Lugares são comunicados e enunciados a partir da definição constante de identidades espaciais, construídas no cotidiano de indivíduos e grupos que se apropriam do espaço. Lugares são aqui entendidos como “plataformas” para a construção de ações e discursos de cunho eminentemente espacial, que perpassam variadas escalas e recortes. O conhecimento geográfico (e prático) dos agentes envolvidos nas táticas de apropriação socioespacial dos meios de comunicação em Berlim e Salvador vai se revelar paulatinamente, buscando-se compreender como os lugares são enunciados no cotidiano das duas cidades analisadas, destacando-se o papel da comunicação para a elaboração de representações espaciais multiescalares, que abrem os lugares, grupos e iniciativas para o mundo. Os exemplos de apropriação socioespacial dos meios de comunicação em Berlim e Salvador, tratados neste artigo, mostram que é possível fazer dialogar conhecimento popular e conhecimento acadêmico em nossas pesquisas. Isso pressupõe, sobretudo, uma metodologia que lance um olhar fenomenológico sobre o mundo vivido dos lugares e dos grupos e iniciativas produtores de espaço. É na perspectiva da vivência e da experiência que a interação pode ser convertida em objeto, deflagrando processos identitários que estabeleçam a diferença como fundante.

Palavras-chave: Lugar. Identidade. Cidade. Comunicação. Processos identitários.

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C e doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental pela Universitaet für Bodenkultur Wien (1994), com pós-doutorado em Estudos de Organização do Espaço Exterior e Planejamento Urbano-Regional e Paisagístico realizado na Universidade de São Paulo (1995-1996) e em Geografia Cultural e Urbana realizado na Université Paris IV – Sorbonne (2002-2003) e na Humboldt Universität zu Berlin (2009). Atualmente é professor associado no Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). angserpa@ufba.br.

✉ Av. Princesa Leopoldina, n. 359, ap. 602, 40150-080. Salvador, BA.

ABSTRACT

This paper looks for to elucidate those actions and speeches presuppose the construction of spatial identities from the premise that the identities are always temporary, unfinished and unstable, they have procedural character and they articulate different space cuttings from the space of their “enunciation”. Places are communicated and enunciated from the constant definition of spatial identities constructed in daily individuals and groups space appropriation. Here, places are understood as “platforms” for the construction of actions and speeches of eminently space matrix that goes through varied scales and cuttings. The geographic (and practice) knowledge of the agents involved in the tactics of social and spatial appropriation of mass media in Berlin and Salvador becomes gradually revealed looking for to understand how the places are enunciated in the two analyzed cities daily and emphasizing communication role in the elaboration of spatial representation in multiple scales that opens the places, groups and initiatives for the world. The examples presented in this article of social and spatial appropriation of mass media in Berlin and Salvador show that it is possible to make the dialogue between popular knowledge and academic knowledge in our researches. Above all, it presupposes a methodology with a phenomenological look on the world of the spaces and of the groups and initiatives of space production. It is in the perspective of existence and experience that the interaction can be converted in object beginning identity processes based on difference.

Key-words: Place. Identity. City. Communication. Identity processes.

INTRODUÇÃO

O tema “Lugares e identidades na cidade”² faz refletir, inicialmente, sobre a questão das “identidades” no mundo contemporâneo e suas dimensões espaciais. Aqui, não se trata de discutir as identidades como algo congelado, mas como “processos” que encontram rebatimento no espaço e no tempo.

No período contemporâneo, “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2005, p. 19). Segundo Bauman (2005, p. 23), na atualidade, a questão das identidades “é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência”. Mas o tema é polêmico e tortuoso, já que quem busca “identidade” se vê “invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’” (2005, p. 16).

Se, em um primeiro momento, a identidade era relacionada em sua dimensão espacial ao território nacional e à nacionalidade, no momento atual as “identidades” parecem apontar para a necessidade de pertencimento a um “lugar” no mundo; também apontam para a ideia de espaços vividos, articulando recortes e escalas diversas, de acordo com os objetivos diferenciados de indivíduos e grupos:

Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento. Mas também se pode fazer desse fato de não ter escolha uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido – ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os

2 Tema de mesa-redonda do II Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia realizado no campus da Universidade Federal Fluminense, dia 2 de setembro de 2011, na qual este texto foi originalmente apresentado.

que a tomam e a levam a cabo, e pelos prováveis benefícios que estes podem então oferecer a outras pessoas (BAUMAN, 2005, p. 20).

Mas, afinal, o que é se sentir (ou não) “em casa” em um lugar ou em qualquer lugar? Que ações pressupõem a construção de identidades espaciais?

Neste artigo, pretende-se responder a essas questões defendendo-se a ideia de que a construção de identidades espaciais é sempre provisória, inacabada e instável, tem caráter processual e articula diferentes recortes a partir dos lugares de sua “enunciação” (ou autoproclamação). Lugares são comunicados e enunciados a partir justamente da definição constante (e provisória) de identidades espaciais, construídas no cotidiano de indivíduos e grupos que se apropriam do espaço.

No livro “Lugar e mídia”, editado pela editora Contexto (SERPA, 2011b), destaca-se a importância dos lugares no mundo contemporâneo, lugares aqui entendidos como “plataformas” para a construção de ações e discursos de cunho eminentemente espacial, que perpassam variadas escalas e recortes, abrindo e articulando os lugares para/com o mundo. O conhecimento geográfico (e prático) dos agentes envolvidos nas táticas de apropriação socioespacial dos meios de comunicação em Berlim e Salvador vai se revelar paulatinamente ao leitor, a partir da leitura dos cinco capítulos que compõem o livro.

Neste texto aqui apresentado, faço um breve recorte do que foi abordado no livro, buscando compreender como os lugares são enunciados no cotidiano das duas cidades analisadas, destacando o papel da comunicação para a elaboração de representações espaciais multiescalares, que abrem estes grupos e iniciativas para o mundo. Para estes grupos e iniciativas trata-se de viabilizar um espaço de mediações, uma esfera pública urbana renovada, regida por uma

nova ética capaz de nortear a um só tempo ação e discurso e produzir/enunciar um “lugar”.

Esta (nova) ética se baseia em princípios de cunho tático e, muitas vezes, subverte, pelo uso e pela ação, as estratégias de grupos hegemônicos, como sublinhado por Michel de Certeau (1994), nos processos de produção do espaço. Na ausência de um lugar, de “um próprio”, estes grupos e iniciativas enunciam o “lugar” através de ações calculadas – táticas.

Astáticas seriam os métodos praticados em uma espécie de guerrilha do cotidiano, demonstrando uma utilização hábil do tempo, através de movimentos rápidos, que vão mudar a organização do espaço. Elas são um contraponto para as estratégias, vistas como ações que resultam de certo poder sobre o lugar e o transforma naquilo que Certeau vai chamar de um “próprio”. As estratégias elaboram e criam lugares segundo “modelos abstratos” e práticas tecnocráticas, enquanto as táticas enunciam lugares a partir de ações “desviacionistas”, sendo ambas localizáveis no tempo e no espaço (CERTEAU, 1994, p. 92).

Importante enfatizar que os resultados aqui apresentados baseiam-se em pesquisas de campo nas duas cidades analisadas, com a realização de entrevistas com os protagonistas de grupos e iniciativas que se apropriam dos meios de comunicação (rádio, internet e televisão) nos bairros populares e centros de cultura “alternativa” em Berlim e Salvador. Os estudos sobre a apropriação socioespacial dos meios de comunicação originaram um rico banco de dados relativo ao universo das rádios e dos domínios virtuais alternativos com atuação nos bairros populares e centros de cultura “alternativa” nas duas cidades analisadas. Este banco de dados contém informações detalhadas sobre os agentes e grupos responsáveis pelos processos de apropriação socioespacial dos meios de comunicação nos lugares analisados, bem como sobre o perfil dos ouvintes e usuários. Além disso, dispõe-se de

dados relacionados às formas de apoio dessas iniciativas e à legislação que embasa sua atuação nos bairros analisados.

A análise das entrevistas realizadas nos permite supor a possibilidade de emergência das “artes do fazer” entre aqueles que, pela ausência de poder sobre um lugar, acabam por agir de modo inventivo, através das práticas cotidianas, para fazer do “enunciado” e do uso nodosidades inseparáveis do contexto espacial onde constroem suas trajetórias. O “enunciado” fornece, portanto, um modelo e pressupõe: “1. uma efetuação do sistema linguístico [...]; 2. uma apropriação da língua [...]; [...] 3. a construção de um contrato relacional ou de uma alocução[...]; 4. a instauração de um presente pelo ato do eu que fala” (CERTEAU, 1994, p. 96).

A enunciação permite a um só tempo o exercício das artes do fazer e do falar, constituindo-se em um repertório (também em termos de identidades espaciais) para estes grupos e iniciativas, que produzem conteúdos relacionados com seus lugares de atuação para o rádio e a internet e, em situações mais raras, para a televisão, como passamos a analisar nas próximas seções desse artigo.

CONSTRUINDO IDENTIDADES ESPACIAIS

A relação entre lugar e mídia pressupõe articulação e encontro em processos capitaneados por grupos e iniciativas atuantes na cidade contemporânea, em momentos e espaços específicos. Espaços-tempo de representação e comunicação que vão mediar processos de apropriação socioespacial da técnica e sua “tradução” em tecnologia.

Parte-se do pressuposto de que as técnicas influenciam o modo como percebemos o espaço e o tempo, não só por sua existência física, mas também pela maneira como afetam nossas sensações e nosso imaginário. Por outro lado, os lugares vão se relacionar de modo

diferenciado com as técnicas e os objetos técnicos, de acordo com as condições que oferecem enquanto “meio operacional”, para viabilizar a produção, a circulação, a comunicação, o lazer, etc. (Compare: SANTOS, 1996).

São relações de proximidade imediata, baseadas em ações solidárias, “comunitárias”, “populares” e/ou “alternativas”, a depender do contexto. Essas relações são condicionadas por táticas diferenciadas de comunicação e representação e, ao mesmo tempo, condicionam a atuação de grupos e iniciativas nos diferentes lugares urbanos, revelando estes últimos como base para a instalação/consolidação de um “meio operacional” para a ação e o discurso.

As análises apresentadas no livro supracitado (SERPA, 2011b) evidenciam também que as relações entre lugar e mídia vão ser de algum modo determinadas pela densidade deste meio operacional em cada lugar concreto, bem como pela acessibilidade a este meio para grupos e iniciativas que se apropriem taticamente destes “recursos”. Com níveis bastante diferenciados em termos de densidade e acessibilidade, Salvador e Berlim mostram-se, ambas, como aglomerações metropolitanas capazes de oferecer brechas espaciais ou “lugares do possível”, nos termos de Lefebvre (1991), para o uso criativo da técnica e sua transmutação em tecnologia “apropriada”, resignificada pelo uso “popular” e/ou “alternativo”.

Os lugares do possível abrem a reflexão sobre como estes processos constroem espaços de representação que permitem pensar o uso criativo da técnica como “obra”. Evidenciam também que utopias podem encontrar algum canal de expressão em uma esfera pública urbana permeada por novos discursos e enunciados a propósito dos lugares urbanos. Lugares que, neste processo, são passíveis de representação, representações que, muitas vezes, nada ou pouco têm a ver com as imagens e os discursos veiculados pelos meios de

comunicação de massa ou pelas estratégias de *city marketing* ou, ainda, pelos órgãos de planejamento e gestão urbanos.

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS EM SALVADOR E BERLIM: ENUNCIÇÃO DE LUGARES A PARTIR DE FATOS HISTÓRICOS

Pode-se afirmar que, ao se apropriar dos meios de comunicação, enunciando “lugares” nos termos colocados por Michel de Certeau (1994), estes grupos e iniciativas exercitam a um só tempo as artes do fazer e do falar, resignificando os lugares onde atuam e efetivando, no cotidiano destas áreas, táticas de uso e apropriação, que se revelam através de práticas socioespaciais específicas. Percebe-se que os lugares são enunciados a partir de elementos histórico-sociais presentes nas áreas de atuação, a partir de uma “efetuação criativa do sistema linguístico”, recontando, inclusive, sob outros olhares, a história da cidade.

Grupos que produzem conteúdos para *sites* de utilidade pública nos bairros de Salvador vão se apropriar, de acordo com táticas e interesses determinados, da história dos lugares de atuação, produzindo conteúdos para a internet os quais, de certo modo, revelam certa congruência com o histórico de desenvolvimento urbano da cidade. O contraste entre Cidade Baixa e Cidade Alta, por exemplo, remete aos primórdios da ocupação urbana na capital baiana.

Se, no século XVI, Salvador era ainda um conjunto de casas baixas e modestas, “embora ostentasse o título de cidade” já nessa época, no século XVIII se transformou efetivamente em uma “cidade imponente, senhorial”, como descrito por Antônio Risério em “Uma história da cidade da Bahia” (2004). Vista de longe, a partir das embarcações que aportavam na cidade mercantil, o conjunto urbano disposto em dois planos causava êxtase aos visitantes estrangeiros, mas este era substituído “pelo choque decepcionante”, tão logo desembarcavam

na Cidade Baixa, onde se chocavam com a “imundície da rua da Praia”, quadro que “enojava” e “horrorizava” os recém-chegados, conforme descreve Risério (2004, p. 295-296).

É evidente, na leitura da obra de Risério, um contraste acentuado e extremo entre as cidades alta e baixa na Salvador oitocentista. Este contraste é evidenciado através de uma nítida estratificação das duas cidades, a Cidade Baixa como lugar do pequeno e do grande comércio, a cidade malsã e mal cheirosa, cidade negra e cidade escrava, armazém, porto e empório, e a Cidade Alta como lugar silencioso e bem ornado, luminoso e amplo, cidade cartão-postal, branca e senhorial (AUGEL *apud* RISÉRIO, 2004).

Esse contraste, travestido nos séculos seguintes em uma espécie de “estigma espacial”, é um dos argumentos para a criação do *site* CidadeBaixa.com, que tem como *slogan* “a Cidade Baixa conectada com o mundo”. O *site* pretende também tornar a Cidade Baixa mais conhecida para o restante da cidade, enaltecendo sua história e seus pontos turísticos. Não à toa conta com o apoio da Bahiatursa, órgão estadual de fomento ao turismo. No *link* “História”, o *site* vai enunciar o lugar a partir de elementos encontrados em fontes históricas oficiais.

Observa-se, no entanto, que não há menção à estratificação de Salvador em duas cidades, nos termos anteriormente colocados por Risério, denotando claramente a intenção de contornar o estigma espacial, omitindo da história contada no *site* algo que pudesse comprometer as táticas de enunciação de um lugar com grande potencial turístico, supostamente desconhecido do restante da cidade. Em pesquisas anteriores do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação³, realizadas no bairro da Ribeira, localizado na península de

Itapagipe, na Cidade Baixa, constatou-se que alguns moradores mais antigos estendem seus limites até o Largo de Roma, praticamente incluindo a península de Itapagipe inteira no bairro da Ribeira. Entre os que participam de associações de bairro, há uma tendência a não reconhecer de imediato os limites da Ribeira, afirmando o distrito de Itapagipe como “bairro”. Há aqui uma estratégia de valorização turística englobando os monumentos e atrativos de bairros vizinhos como o Bonfim e Monte Serrat (SERPA, 2007).

Nas audiências públicas realizadas nas 17 Regiões Administrativas de Salvador, durante o processo de revisão do Plano Diretor em 2005, na RA II (Itapagipe), a questão central, para os 68 participantes, foi a valorização do patrimônio natural e cultural, reafirmando-se a vocação turística do lugar, privilegiando empreendimentos de médio porte, a fim de favorecer as oportunidades de emprego para a população local (SERPA, 2007). O *site* CidadeBaixa.com se alinha, portanto, a este contexto, tratando os bairros da Cidade Baixa como lugares que compõem um conjunto maior, o que pode viabilizar melhorias para toda a Região Administrativa. Ou seja, em uma cidade onde os limites dos bairros não são reconhecidos pelos órgãos públicos de planejamento, parece mais efetivo, em termos táticos, atuar, através da ação e do discurso, a partir dos limites das regiões administrativas.

É verdade que em outros bairros da cidade, onde analisamos as táticas de apropriação socioespacial dos meios de comunicação por grupos populares, nem sempre é clara a distinção entre bairro e região administrativa. Em Salvador, bairros mais antigos como a Liberdade e a Boca do Rio se diferenciaram com o tempo, originando novos bairros como o Curuzu (no primeiro caso), o Stiep e o Costa Azul (no segundo). Hoje, são nomes de regiões administrativas (que coincidem com o bairro original), mas os limites da região não coincidem mais com os limites do bairro atual. Na audiência pública da RA Boca do Rio, no processo

³ O Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação visa experimentar novas possibilidades de intervenção no espaço construído para habitação, em Salvador. As pesquisas objetivam produzir subsídios para o planejamento de áreas populares, articulando diferentes variáveis – transporte público, saneamento, comércio e serviços, espaço livre público e identidade cultural – na escala do bairro, priorizando o estudo de bairros populares como Plataforma, Pirajá, Alagados, Ribeira, Curuzu, São Tomé de Paripe, Boca do Rio, Itapuã, Paripe e Cajazeiras (www.esplivre.ufba.br).

de revisão do Plano Diretor, os 81 moradores presentes brigaram pela manutenção dos limites atuais da região administrativa, enquanto na RA Liberdade, o Curuzu se afirmou frente aos outros bairros com a reivindicação de um programa de regularização fundiária para o lugar. Isso aponta para um processo constante de diferenciação de áreas no espaço intraurbano que pode e deve ser incorporado à busca de mais participação popular no planejamento da cidade, simplesmente atentando-se para a possibilidade de sua ocorrência (SERPA, 2007).

Por outro lado, isso não se constitui uma regra para todos os bairros analisados. Em Pirajá, bairro popular centenário da capital baiana, não é a região administrativa como conjunto de bairros que vai embasar a ação e o discurso dos produtores de conteúdos para o Portal Pirajá (portalpiraja.org). Aqui é a história do bairro que conta, por este ter sido palco das lutas pela independência da Bahia, algo sublinhado tanto nos textos disponibilizados no *site* como na entrevista com seu organizador. Ou seja, os espaços de representação oscilam entre bairro e distrito, nos *sites* de utilidade pública analisados, ora enfatizando um, ora colocando a ênfase em outro, o que diz muito sobre o caráter processual dos lugares urbanos, enunciados e representados a partir de táticas diferenciadas de comunicação.

Em Berlim, os grupos e iniciativas analisados defendem a ideia de uma cidade “provinciana” e “bairrista”, composta de “aldeias” e “vilas” mas, ao mesmo tempo, falam da capital alemã como lugar multicultural e cosmopolita, discurso traduzido em uma ação localizada em bairros e distritos, mas fortemente articulada com outros recortes espaciais (região, Estado-nação, países de língua alemã, etc.). Analisando-se a história de constituição da cidade vemos que a ação e o discurso destas iniciativas não negam ou deturpam significativamente os fatos históricos, apropriando-se deles para contar, à sua maneira, novos enredos sobre o “lugar” Berlim. Senão vejamos.

Heinrich (2007), em seu atlas cultural sobre Berlim, vai traçar os “destinos” da cidade em mapas e textos. Os primeiros registros datam do século XII, com dois núcleos autônomos, Berlim e Cölln, cada um em uma margem do Rio Spree. Interessante perceber que a cidade já nasce “dividida”, algo que parece marcar seu desenvolvimento nos séculos seguintes. As cidades gêmeas, como eram conhecidas, já eram no século XIII importante entroncamento para as rotas comerciais na região de Brandemburgo, superando em relevância outros núcleos urbanos vizinhos como Spandau e Köpenick (hoje distritos da Berlim contemporânea). O núcleo original Berlim-Cölln constitui na atualidade uma parte do distrito central do Mitte. Data do início do século XIV a formalização da união entre as duas cidades, que passam a dispor de uma única prefeitura e um único parlamento. Em meados do mesmo século, Berlim-Cölln era um importante centro comercial que gozava de grande autonomia política e econômica na comarca dos Brandemburgo.

No século XV, a casa real dos Brandemburgo vê, na nucleação Berlim-Cölln, a possibilidade de ampliação e consolidação de seu poder, passando a subjugar as cidades-gêmeas, preparando-as para sediar a casa real. Friedrich II desfaz a união formal entre Berlim e Cölln, destitui a administração e o parlamento e proíbe futuras associações entre as cidades, apesar de sublevações por parte da população que, no entanto, não conseguiu superar seu isolamento e estagnação econômica a partir de meados do século XV. Somente no século XVII, após uma devastadora guerra de trinta anos contra tropas suecas e o exército dos imperadores Habsburgos, a cidade volta a crescer e se expandir sob a regência do príncipe Friedrich Wilhelm (HEINRICH, 2007). Data deste século também a construção de um muro em torno da cidade, que se consolida como residência da casa real dos Brandemburgos.

A história do desenvolvimento urbano da cidade, mapeada por Heinrich no período 1600 a 1945, mostra que Berlim cresceu anexando distritos, vilas, aldeias e cidades vizinhas, que hoje constituem os bairros e distritos da capital alemã. Em 1841, por exemplo, foram anexados Prenzlauer Berg e Friedrichshain. Data de 1861 a incorporação de Wedding, Kreuzberg, Moabit, Schöneberg e Tempelhof. No século XX, mais precisamente em 1920, são estabelecidos os novos limites da cidade de Berlim, com a anexação definitiva de oito cidades, 59 vilas e aldeias e 27 distritos (HEINRICH, 2007).

Por outro lado, com a consolidação de Berlim como sede do poder dos Brandemburgos, a cidade conhece um crescimento populacional vigoroso, passando nas primeiras décadas do século XVIII de 20.000 para 60.000 habitantes, e atraindo trabalhadores especializados para as emergentes indústrias têxteis e de armas, necessárias para a defesa da comarca e para suprir as necessidades de um exército que crescia. Desse modo, uma mão de obra especializada, proveniente da Boêmia, França, Suíça, Saxônia, etc., vai transformar, paulatinamente, a cidade em um lugar “multicultural”, algo que se consolida nos séculos seguintes. A política de expansão da área construída a partir de então vai atrair mais trabalhadores para Berlim que, já no final dos anos 1730, contava com uma população de 90.000 habitantes (HEINRICH, 2007).

Vemos, portanto, que ao caracterizarem Berlim como uma grande cidade, constituída de pequenas “aldeias”, os porta-vozes das iniciativas analisadas se apoiam de alguma – ou à “sua” – maneira na história da capital alemã. Em seu discurso e através de suas ações, esses grupos vão justificar assim a caracterização de um espaço de representação fragmentado em pequenas unidades urbanas. Para algumas dessas iniciativas, Berlim e seus distritos seriam, na verdade, conjuntos de “pequenas” cidades que não se comunicam ou que apresentam dificuldades para se comunicar entre si.

Alguns desses distritos vão, inclusive, sobressair-se no conjunto da cidade como lugares privilegiados para a atuação das iniciativas analisadas. Esse é o caso, entre outros, de Kreuzberg ou Prenzlauer Berg, que vão ganhar *status* de bastiões da cena “alternativa” e da diversidade cultural, condicionando, desse modo, as táticas de representação dos grupos em seus respectivos locais de atuação. Na capital baiana, por outro lado, em vez de vistos como alternativos ou multiculturais, os espaços de representação dos grupos pesquisados vão ganhar atributos diferenciados, caracterizando-se ora como “populares”, ora como “comunitários”.

LUGARES ENUNCIADOS, LUGARES “COMUNICADOS”

A análise das táticas de apropriação socioespacial dos meios de comunicação em Berlim e Salvador nos ajuda a revelar que os lugares são enunciados a partir de representações espaciais coerentes com as trajetórias destes agentes nos respectivos locais de ocorrência. Essas representações são construídas no cotidiano destas áreas a partir de elementos sociais, históricos, econômicos e culturais de seus respectivos espaços de atuação e são também influenciadas pelo acesso destes grupos e iniciativas aos meios de comunicação, condição primeira para a produção de conteúdos sobre o “lugar”.

Ou seja, quanto maior a disponibilidade e o acesso aos meios de comunicação nos bairros e distritos das duas cidades analisadas, maior será a possibilidade de surgimento e consolidação das representações espaciais de grupos e iniciativas não alinhados ao *mainstream*. Neste processo, as representações precisam ser “comunicadas”, para que os lugares sejam enunciados de modo eficaz, ainda que, na maior parte das vezes, essas representações sejam ignoradas pelos meios de comunicação de massa. Enunciar lugares pressupõe, portanto, que

as representações espaciais sejam “comunicadas”, daí a importância do acesso às técnicas de comunicação e sua apropriação enquanto tecnologia.

O modo como os lugares serão “comunicados” vai ser fortemente condicionado pelos meios de comunicação disponíveis em cada lugar concreto, fazendo conviver modos mais diretos e “rudimentares” (rádios LM, de alto-falantes, nos bairros populares de Salvador) com formas híbridas e com maior conteúdo “técnico”, que misturam de modo eficaz internet, vídeo e rádio em plataformas complexas de comunicação na rede mundial de computadores (caso do Canal Aberto de Berlim, por exemplo).

Em última instância, isso vai condicionar também a maneira como os lugares são representados, comunicados e enunciados nas duas cidades analisadas. Em todo caso, a acessibilidade às novas técnicas de informação e comunicação e as possibilidades disponíveis para sua apropriação por estes grupos e iniciativas é crucial para a enunciação de lugares que articulem recortes que vão do local ao mundial.

São, portanto, bastante plurais os contextos de enunciação dos lugares urbanos na contemporaneidade. Contextos socioespaciais e temporais que vão fornecer a base para elaboração de um discurso que não é só ação, mas também e, sobretudo, interação. Isso mostra também que o discurso dos grupos e iniciativas analisados não está nunca isolado do contexto de enunciação, revelando ainda que os lugares enunciados não podem ser compreendidos como objetos dados. O lugar é sempre processual e articula diferentes espaços de conceituação.

Essa articulação de recortes/escalas geográficas (do local ao global) será tanto mais ampla como mais complexa conforme a capacidade de articulação dos grupos envolvidos, assim como sua acessibilidade ao meio técnico disponível em cada lugar concreto. Isso vai estar

condicionado também pela qualidade dos meios de comunicação disponíveis e seu raio de abrangência. Assim, grupos com acesso a rádios de alto-falantes terão atuação mais limitada que aqueles com acesso a rádios com frequência FM, que por sua vez terão raio de abrangência menor que grupos com acesso a rede mundial de computadores e a meios de comunicação audiovisuais (televisão, vídeo).

Os lugares enunciados/comunicados por estes grupos serão sempre multiescalares, mas os recortes espaciais envolvidos no discurso e na ação dos grupos e iniciativas serão mais complexos e mais diversos de acordo com a acessibilidade à disponibilidade de recursos técnicos em suas respectivas áreas de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos de apropriação socioespacial dos meios de comunicação em Berlim e Salvador, tratados neste artigo, mostram que é possível fazer dialogar conhecimento popular e conhecimento acadêmico em nossas pesquisas. Isso pressupõe, sobretudo, uma metodologia que lance um olhar fenomenológico sobre o mundo vivido dos lugares e dos grupos e iniciativas produtores de espaço. É na perspectiva da vivência e da experiência que a interação pode ser convertida em objeto, deflagrando processos identitários que estabeleçam a diferença como fundante⁴.

4 “A identidade como fundante gera a desigualdade, possibilitando um processo político que se caracteriza pela luta por uma hegemonia universal [...]. A diferença como fundante gera, em potência, a igualdade, possibilitando um processo político que se caracteriza por hegemônias localizadas, múltiplas e instáveis, o que gera a necessidade de conviver com múltiplas subjetividades e vivenciar múltiplos contextos, pois originalmente somos iguais na diferença em potência [...]. Identidade e diferença não estão no mesmo universo; se a identidade é fundante, em potência, a diferença é um dado da realidade, constituída como precipitação dos acontecimentos. Se, no entanto, a diferença é fundante, em potência, a realidade é constituída por processos identitários decorrentes da precipitação dos acontecimentos” (SERPA, 2004, p. 166-167).

Processos identitários que se constituem, afinal, em uma nova forma de produção de conhecimento, um novo tipo de conhecimento, resultante da interação e do diálogo. Processos identitários que não procedam à reificação do saber popular nem do saber universitário, que busquem o diálogo constante na construção de algo realmente novo, algo que poderíamos chamar de tecnologias de processo (SERPA, 2007).

É necessário explicitar os processos. É na descrição crítica e na análise continuada dos processos que permeiam nossas ações enquanto pesquisadores e as de nossos parceiros nos lugares pesquisados que podemos estabelecer uma produção de conhecimento sempre renovada e original. O explicitar dos processos não romantiza nem as ações, nem as práticas da academia ou dos grupos e iniciativas pesquisados. Não romantiza as diferenças e nem busca o consenso. O consenso engessa a prática universitária e a pesquisa. Ao explicitar os conflitos e as diferenças, nos abrimos àquela intersubjetividade fenomenológica que remete aos outros seres, “outros espíritos”, que percebemos como sujeitos que também percebem o mundo e nós mesmos no mundo. A existência do outro como “outro eu”, dá-nos acesso a um mundo que não é mais unicamente o da experiência particular, mas o mundo “intersubjetivo” que existe para todos.

Um olhar fenomenológico sobre o mundo e as coisas do mundo busca a descrição e a compreensão de todos os fenômenos de todas as realidades: materiais, naturais, ideais e culturais⁵. Lançar um olhar fenomenológico sobre o mundo e as coisas do mundo significa o reconhecimento do outro enquanto sujeito, enquanto ser no mundo, desconstruindo hierarquias, buscando incessantemente o diálogo e a

interação como objeto, reconhecendo as diferenças e explicitando os processos.

Entretanto, uma fenomenologia do lugar abre uma porta de entrada para a análise do espaço geográfico, mas não esgota em toda a sua potencialidade a operacionalização do conceito no âmbito da geografia. Como fenômeno da experiência humana, o lugar também expressa e condiciona a rotina, os confrontos, os conflitos e as dissonâncias, possibilitando uma leitura da vida cotidiana, com seus ritmos e contradições (CARLOS, 2001; SERPA, 2011a).

Como distintas versões da mundialização (SANTOS, 1994), os lugares são reflexo e condição para a reprodução das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nas mais diversas escalas de análise (TUAN, 1983), possibilitando sempre dialetizar a relação sociedade-espço. A operacionalização do conceito de lugar na Geografia é, portanto, uma porta de entrada, mas também uma forma de aprofundamento das análises espaciais, a partir da definição dos espaços de conceituação (CASTRO, 1995) pertinentes aos fenômenos que se quer explicitar nas escalas urbana e metropolitana.

Cabe enfatizar ainda, ao final deste artigo, que analisar a ação e o discurso destes grupos e iniciativas significa também explicitar um conflito basilar nos processos de apropriação socioespacial dos meios de comunicação nos diferentes lugares da cidade contemporânea: a existência de dois “sistemas” que recortam e “fabricam” lugares de modo diferenciado. De um lado, um sistema que recorta e concebe o espaço política e administrativamente, de outro, um sistema baseado nas táticas de apropriação espacial dos grupos e iniciativas que, por sua vez, precisam conviver e “negociar” com estes limites político-administrativos “oficiais”.

Assim, é importante a caracterização destes grupos e iniciativas, atentando-se para suas formas de organização e mobilização de

⁵ Pensa-se aqui especificamente na filosofia transcendental de Edmund Husserl, cujos princípios gerais encontram-se nas obras *A ideia da fenomenologia* e *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*.

recursos, contextualizando-as nos respectivos lugares de ocorrência. É necessário também explicitar os conflitos resultantes da ação destes grupos e iniciativas, as limitações jurídicas e políticas para sua atuação, assim como a espacialidade e os processos identitários que embasam suas táticas de apropriação dos meios de comunicação. ○

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HEINRICH, Gerd. **KulturAtlas Berlin**. Ein Stadtschicksal in Karten und Texten. Berlin, 2007.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. 2ª ed. Porto-Portugal: Rés Editora, 2001. (Coleção Biblioteca de Filosofia).
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERPA, Angelo (Org.). **Cidade popular: trama de relações socioespaciais**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2007.
- SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011a.
- _____. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011b.
- SERPA, Felipe. **Rascunho digital**. Diálogos com Felipe Serpa. Salvador: EDUFBA, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

Submetido em Outubro de 2011.

Revisado em Dezembro de 2011.

Aceito em Janeiro de 2012.